

# *Artigo-editorial*

*Editor's note*



# PESQUISAR O COTIDIANO ESCOLAR: TAREFA NECESSÁRIA

Em nossos dias, o cotidiano constitui amplo tema de estudos e pesquisas. Os dois volumes da obra *A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau e colaboradores (2004a, 2004b), despertaram grande interesse de professores e pesquisadores. Surgem centros de pesquisa sobre o cotidiano, como o Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Cotidiano (do francês Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien [CEAQ]), em Paris, presidido por Michel Maffesoli, com ramificações no Brasil.

A educação volta-se também para essa realidade, merecendo a escola e a sua cotidianidade a atenção dos estudiosos.

A pesquisa em educação é instrumento vital para a produção de conhecimento na área. Por isso, deveria envolver o cotidiano do professor e do aluno e não se limitar ao espaço restrito dos projetos e das dissertações e teses. Educadores vêm enfatizando a necessidade de transformar a sala de aula em espaço de pesquisa e produção de conhecimento, superando o seu tradicional papel de mera reprodutora de informações.

Investigar o cotidiano escolar é tarefa da maior importância. O conhecimento que a educação produz tem por objetivo não só compreender, mas também transformar a realidade. E é nesse cotidiano que vicejam as situações e o contexto a reclamar a intervenção ativa e transformadora das teorias e das práticas educacionais. No cotidiano, surgem as vicissitudes da aprendizagem com as quais há de lidar o professor, despindo-se da figura de detentor absoluto do saber e agindo como colaborador que organiza, orienta, dialoga, discute, propõe, revê e encaminha.

Só no dia-a-dia da escola é possível trabalhar e administrar a progressão da aprendizagem. Descartando-se a idéia da escola como um todo homogêneo, ela despontará com a característica marcante da diversidade e do pluralismo e é nessa situação que se há de conceber e fazer evoluir os caminhos da diferenciação e da alteridade.

“O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo [...] Somos seres infantis, neuróticos e também racionais. Tudo isto constitui o estofamento próprio do humano [...]”, diz Edgar Morin (2001, p. 57 e 59). O descuido dessa riqueza e complexidade do humano, que é tão visível no cotidiano escolar, e a ênfase na padronização e na uniformidade motivam a justa crítica que aparece em Jacques Delors (1999, p. 54):

Os sistemas educativos formais são, muitas vezes, acusados, e com razão, de limitar a realização pessoal, impondo a todas as crianças o mesmo modelo cultural e intelectual, sem ter em conta a diversidade dos talentos individuais.

Portanto, é auspicioso constatar o crescente interesse da pesquisa educacional em abordar os vários aspectos do cotidiano escolar. Trata-se de uma tendência que não é apenas empírica, mas tem reflexos sobre a própria índole da pesquisa em educação, pois contradiz uma concepção metodológica já denunciada por Francisco Tonucci, a qual, partindo de longínquos fundamentos filosóficos, seguindo uma tradição idealista, pretende trazer conseqüências para dentro da escola. Já o enfoque no cotidiano escolar possibilita

[...] passar de uma pesquisa sobre a escola, a uma pesquisa na escola, que deve fundamentar-se em uma hipótese político-social de renovação e tratar a complexidade do grupo-escola, sendo desenvolvida em contato direto com os agentes, respeitando suas características, exigências e dificuldades [...] (GATTI, 2002, p. 73).

Fincada no cotidiano escolar, a investigação em educação terá condições de desenhar um caminho para superar os reducionismos apontados por Guiomar Namó de Mello (1983 apud GATTI, 2002, p. 74), que se dão “[...] ou ao atacado, com o sociologismo, e o economicismo, ou ao varejo, com o psicologismo, o tecnicismo e o pedagogismo [...]”, e então conduzir a um entendimento

[...] mais claro e real da natureza própria da educação, das concepções de educação que inspiram as práticas de pesquisa, o que, em resumo, significa captar a estrutura desse fenômeno bem como a sua dinâmica, não enquanto idéias que delas fazemos, mas captadas em sua concretude [...]. (GATTI, 2002, p. 74).

Na esteira dessa tendência, a presente edição de *ECCoS* traz aos leitores alguns trabalhos relevantes que exemplificam a orientação da pesquisa voltada para o cotidiano escolar. Alguns deles focalizam diretamente a temática, outros constroem cenários e situações que municiam o pesquisador que queira investigar o cotidiano da escola.

Luiza Cortesão, em seu artigo (Será a educação a “culpada?”), propõe-se analisar críticas movidas ao papel que, em diferentes épocas, teria sido desempenhado pela escola, atribuindo a ela responsabilidade de muitos problemas que ocorrem na sociedade. Referindo-se ao contexto português – que nesse aspecto não difere do nosso –, a autora indica como uma das causas do mal-estar educativo o ensino uniforme a diferentes grupos socioculturais e a uma significativa diversidade de nacionalidades e etnias. Essa padronização não leva em conta a heterogeneidade do cotidiano escolar, e o mal-estar contagia também os professores que, em sua formação, não foram “socializados” para lidar com essa diversidade. Aponta a necessidade de entender o que se passa em cada nova situação enfrentada e de tentar novas formas adequadas de encarar problemas também novos. Indica também um caminho para a pesquisa

em educação a partir desse contexto diferenciado a ser desenvolvido não só por “teóricos”, mas também pelo professor no seu cotidiano: tentar produzir conhecimento sobre os alunos com quem se trabalha e, ao conhecê-los, valorizar conteúdos, metodologias diferenciadas e produzir matérias adequadas que possam tornar o processo de ensino-aprendizagem interessante e significativo. Depois de descartar as costumeiras acusações que se levantam contra a escola, transformando-a muitas vezes em “bode expiatório” de todos os males sociais, e analisar a tendência a exigir dela inúmeras competências para solucionar problemas que decorrem do contexto mais amplo, a autora finaliza, recusando-se a aceitar que escola, professores e investigadores sejam os culpados de situações que claramente os transcendem; por outro lado, reconhece a necessidade de mudar, com os professores voltando-se para o cotidiano escolar, atentos à população que têm dentro das portas, e assumindo papel significativo para o desenvolvimento e a aquisição de conhecimento pelos alunos, de modo que estes possam conquistar “uma cidadania plena”.

O cotidiano escolar revela constantemente uma pluralidade cultural. Daí a importância que Roseli Fischmann, em seu trabalho (*Relevância da dimensão cultural da pesquisa educacional: uma proposta de transversalidade*), atribui ao tema da multiculturalidade no âmbito da pesquisa. Tão importante é essa dimensão que a autora a propõe como um tipo de tema transversal. Ela vê na proposta freiriana dos círculos de cultura o marco inicial do reconhecimento da relevância de considerar, no desenvolvimento das propostas de ensino-aprendizagem, a inserção do educando-educador no cotidiano de uma comunidade específica, na qual a cultura deixa de ser sinônimo de erudição e assume o sentido de ação sobre a natureza e de processo de transformação do ser humano e da natureza em interação recíproca.

A abordagem da pluralidade cultural em educação, com a qual trabalha a autora, dialoga, teórica e metodologicamente, com a contribuição de várias ciências e incorpora a cooperação de lideranças e representantes de grupos étnico/raciais e religiosos, que compõem a multiculturalidade brasileira. A

ética, que a partir de Emmanuel Lévinas (1988) constitui “*por si mesma* [grifo do autor] uma óptica”, é assumida pela autora como instauradora da conduta do pesquisador e da diretriz metodológica, ao abordar a pluralidade cultural. Fischmann também reconhece os obstáculos epistemológicos que envolvem essa linha de pesquisa, tais como o conhecimento vulgar, que produz uma mentalidade que rejeita a existência da discriminação excludente, enquanto as práticas reproduzem abertamente a discriminação. Apoiando-se em Thomas Samuel Kuhn (1987) e Lévinas (op. cit.), a autora aponta a idéia de “paradigma do outro” como caminho de compreensão do modo como grupos humanos vêem e são vistos por outros grupos.

O cotidiano escolar, entre outros dados relevantes, faz despontar o problema crucial de crianças e jovens que vivem a socialização e a experiência de escolarização em situação de grande pobreza. Este contexto está exigindo uma plataforma diferenciada de pesquisa de campo com a confluência da sociologia, da antropologia e da etnografia. Nesse caminho, encontra-se a proposta do trabalho de Marcos César de Freitas e Ana Paula Ferreira da Silva (Escolarização, pobreza e socialização na infância e na juventude: criação de uma plataforma de pesquisa interdisciplinar para a educação), respaldada no cabedal teórico de renomados sociólogos e antropólogos. Essa plataforma pretende ir além do inventário que se vem produzindo sobre os temas da infância e da juventude e escolarização; quer favorecer a organização sistemática de pesquisas de campo em escolas e bairros em situação de extrema pobreza, no intuito de descartar o estigma que sói caracterizar esse segmento como “infância e juventude em situação de risco”.

Segundo os autores, é importante investigar de perto essa realidade, percorrendo a escola e seu entorno, para pesquisar a escolarização desse segmento no seu cotidiano. Essa imersão reserva ao pesquisador uma quantidade expressiva de surpresas, “um gosto amargo de escola”, e desperta também a necessidade e a responsabilidade de dialogar crítica e seriamente com os procedimentos etnográficos habituais, no intuito de escoimá-los de certas

superficialidades e lugares comuns. Os autores apontam a necessidade de consolidar os procedimentos que conduzem o pesquisador para dentro da escola, para ver e ouvir os protagonistas. Assim poderá observar pessoas que têm um jeito de viver que denota como elas lidam com as ferramentas culturais – que possuem – no contexto de extrema carência. E a escola não aparece mais como um estabelecimento de ensino a ser enquadrado em normas racionais da legislação escolar, mas como algo autônomo, vivo, no que tem de próprio e, por assim dizer, único.

Nessa perspectiva da plataforma proposta pelos autores, a escolarização da infância e da juventude, estigmatizadas como segmento “em situação de risco”, demanda um “procedimento de recusa”. Recusar as generalizações que transformam o acontecido na “tendência a acontecer sempre” e adotar um necessário cuidado e aproximação, à maneira dos etnógrafos e antropólogos, para conhecer de perto o universo das alarmantes estatísticas que reúnem pobreza, infância, juventude e violência nos mesmos gráficos, a representar pessoas de carne e osso. Enfim, a atividade de pesquisa realizada diretamente com crianças e jovens que habitam lugares onde quase tudo é precário implica “[...] um processo de contínua reorganização do objeto de investigação [...]” (p. 74).

No cotidiano escolar é possível construir a identidade profissional docente? Por quais caminhos? Apresentar a formação de atitudes de pesquisa por parte dos docentes como via para a construção de uma nova profissionalidade e de novas identidades pessoais e profissionais é a proposta do trabalho de Isauro Beltrán Nuñez e Betânia Leite Ramalho (A pesquisa como recurso da formação e da construção de uma nova identidade docente: notas para uma discussão inicial). Segundo os autores, embora exista certo consenso entre aqueles que pesquisam a docência como profissão e a formação docente, a compreensão das características profissionais dos docentes passa por diferentes pressupostos epistemológicos, filosóficos e ideológicos, quando se discute a natureza desse trabalho em diferentes contextos e níveis educacionais. As



propostas curriculares do Ministério da Educação (MEC) para a formação de professores apontam a pesquisa como componente de sua formação no âmbito da educação básica, em nível superior e como orientação para a atividade docente em geral.

Os autores trazem à discussão várias questões: de que pesquisa se trata? De que professor-pesquisador se fala? Que concepção de pesquisa tem? Como formar o professor-pesquisador? Depois de apresentarem um breve percurso histórico da pesquisa na atividade docente, os autores apontam que

[...] os professores, como grupo profissional, têm diversas preocupações e problemas que não se limitam ao espaço de sala de aula. Todavia, limitar seu trabalho de pesquisa impõe uma divisão social do trabalho educativo, na qual os pesquisadores acadêmicos continuam no topo de uma pirâmide de ascensão profissional. O professor deve pesquisar sobre sua atividade profissional, enquanto práxis, e não apenas como pesquisa limitada à sua prática na sala de aula, no sentido não só da inovação, mas também do desenvolvimento do currículo. (p. 96).

Ao afirmarem a identidade profissional docente como eixo da formação do professor, pensando a pesquisa como componente dessa identidade, os autores reconhecem

[...] que não é suficiente conferir essa função aos professores por meio das políticas e exigências externas (identidade social dada), pois é necessário que eles assumam a pesquisa como parte de seu trabalho profissional, atribuindo sentido a essa função como parte de seu *self*. (p. 99).

A formação como espaço de construção de atitudes para a pesquisa, a escola como espaço de pesquisa e construção de identidade são os tópicos finais do trabalho, que completam a busca de respostas às indagações suscitadas pelos autores.

Pesquisar o cotidiano escolar dos vários cursos que compõem o nosso sistema educacional é tarefa necessária. Entre os trabalhos que vêm despontando nessa direção e que preenchem uma lacuna amiúde apontada e lamentada, insere-se o tema abordado por Iria Brzezinski (Pesquisar o cotidiano do curso de pedagogia: uma investigação inconclusa). O trabalho tem em mira o Curso de Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Católica de Goiás (UCG) e o curso da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Minas Gerais (UFMG), *campus* Belo Horizonte.

Embora não haja ainda resultados definitivos, são apontadas questões de método e modalidades de pesquisa. Após afirmar e justificar a sua posição de que “[...] o materialismo histórico-dialético parece ser o método mais condizente com as Ciências Humanas, entre elas a Educação [...]” (p. 120), a autora passa a caracterizar a pesquisa qualitativa, método adotado no trabalho, na modalidade de pesquisa-ação e de estudo de caso do tipo etnográfico institucional.

É relevante a afirmação da pesquisadora de que foi rigorosamente seguida a recomendação de Joe L. Kincheloe, de se preocuparem “[...] não apenas com o que vêem, mas notadamente por que vêem, pois não existem valores neutros na forma de ver [...]” (p. 128), e de assumirem “[...] o compromisso com a divulgação da veracidade dos resultados encontrados, independentemente do agrado ou desagrado dos pesquisadores em ação [...]” (p. 128). E também muito importante para quantos se dedicam à pesquisa a constatação de que

A utilização de estudos etnográficos na área da Educação, que envolvem o estudo cotidiano de uma instituição [...] requer uma disciplina metódica do investigador para garantir sua

inserção no ambiente natural e a exaustão na coleta de dados [...] (p. 130).

Vale também o seguinte alerta: “[...] nesta modalidade de pesquisa, o rigor, a atenção e a cautela do pesquisador precisam ser muito aguçados, para evitar enviesamento de informações e do significado delas [...]” (p. 130), pois a investigação qualitativa realça a compreensão do comportamento a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, razão pela qual é freqüente deixar que estereótipos tomem o lugar de uma verdadeira compreensão.

Além das conotações que, segundo Marli Eliza Dalmazo Afonso de André (1995), devem caracterizar a pesquisa qualitativa de tipo etnográfico em educação, em seu artigo a autora afirma ser indispensável aos investigadores de educação desenvolver empatia com os que

[...] assim como devem ter clareza de que esse procedimento metodológico deverá promover mudanças, uma vez que a realidade estudada é construída por todos aqueles que interagem no ambiente educativo e vão construindo sua identidade profissional nesse espaço pedagógico [...] (p. 131).

O processo de globalização vem ocasionando profundas mudanças na sociedade e no âmbito acadêmico que atingem também o cotidiano escolar. A interdependência crescente entre os países esvazia as concepções tradicionais de nação e sociedade e o exclusivismo das idéias, impondo a necessidade de as nações conhecerem as realidades recíprocas e abrirem-se para a pluralidade cultural e, por meio da educação, buscarem a humanização das transformações sociais.

Com esse preâmbulo, Martha Aparecida Santana Marcondes apresenta seu artigo (Educação comparada: perspectivas teóricas e investigatórias), em que justifica a ênfase atual nos estudos comparados em educação; a educação

comparada passa a ser valorizada como elemento significativo para uma melhor compreensão das influências do processo de globalização nas políticas educacionais. Dada a importância e atualidade desse tema, a autora se propõe analisar algumas abordagens teóricas de educação comparada e evidenciar a sua contribuição para a prática escolar.

O trabalho, no primeiro item, aborda a evolução histórica, as concepções, finalidades e metodologia da educação comparada. Segundo a autora,

[...] comparar sistemas educativos diferentes é ter a perspectiva de revelar a diversidade e as disparidades que existem no interior de uma mesma unidade territorial. É preciso esclarecer, entre outros aspectos, as relações que se estabelecem com as demais instituições educativas e culturais e os efeitos que produzem no contexto em que estão situadas. Um território nacional ou um espaço cultural não podem ser tratados como unidades homogêneas, uma vez que são espaços percebidos, modelados, vividos diferentemente pelo indivíduo e influenciados por políticas externas. (p. 147).

A difusão da crença na transitoriedade dos conceitos e conflitos na formação das identidades contidas nos modelos de sistemas educacionais, ocasionada pela transnacionalização, leva a educação comparada a passar por uma “[...] sofisticação intelectual, por um aprofundamento teórico e pela construção de novas grades de inteligibilidade conceitual.” (p. 148). Seguindo a indicação de António Nóvoa (1998), que sugere sete perspectivas distintas para os estudiosos da educação comparada – historicistas, positivistas, sócio-históricas, críticas, de modernização, da resolução de problemas e de sistema mundial –, Marcondes passa a discorrer sobre cada uma delas, amparada na leitura de vários autores.

No segundo item, o trabalho apresenta a análise de alguns estudos atuais no âmbito da educação comparada. Em suas considerações finais, a autora julga importante que a educação comparada

[...] não seja vista como uma teoria científica produzida de acordo com o compromisso da “ciência pura”, com critérios absolutos de “verdade”, mas como teoria de reflexão formulada dentro dos subsistemas especializados de cada sociedade, com o propósito de fomentar as capacidades de autocompreensão e autodireção dos sistemas. (p. 157).

No contexto atual, “[...] a educação passa por uma redefinição do seu papel sob a influência de uma sociedade capitalista, de natureza competitiva, individualista e excludente.” (p. 157). O sistema neoliberal tem interferido na educação, propondo modelos empresariais, mercadológicos e formas “estandardizadas de avaliação e de sistemas”, fazendo com que o domínio dos conteúdos prevaleça sobre a formação de valores e o conhecimento, como fator de exaltação pessoal em busca de sentido economicamente ativo, se sobreponha à formação do ser humano como cidadão participativo e com direitos assegurados. A autora espera que “[...] os investigadores se oponham a essa postura e busquem alternativas para que os estudos comparados possibilitem a melhoria da qualidade do ensino, na perspectiva da escola democrática e cidadã.” (p. 158).

Ao oferecer a seus leitores essas relevantes análises e reflexões sobre a pesquisa educacional no cotidiano escolar, *ECCoS* almeja contribuir para incentivar trabalhos, estudos e investigações nessa direção, pois convencida está de que no espaço do dia-a-dia da escola é que se constrói a educação do presente e do futuro, democrática e cidadã.

***Cleide Rita Silvério de Almeida e José J. Queiroz***

## Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995. ISBN 8530803760. (Série Prática Pedagógica).

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes do fazer. 10. ed. Petrópolis: Vozes, v. 1, 2004a. 352 p. ISBN 8532611486.

———.; GIARD, Luce; MAYOL; Pierre. *A invenção do cotidiano*. Morar, cozinhar. 5. ed. Petrópolis: Vozes, v. 2, 2004b. 376 p. ISBN 8532616690.

DELORS, Jacques (1925) (Coord.). *Educação*. Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Trad. José Carlos Eufrazio. 3. ed. Brasília/São Paulo, DF: UNESCO/Cortez, 1999. 288 p. ISBN 8524906731.

GATTI, Bernardete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília, DF: Plano, 2002. 88 p. ISBN 8585946318. (Série Pesquisa em Educação, v. 1).

KUHN, Thomas Samuel (1962). *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1987. ISBN 8527301113. (Coleção Debates, v. 115).

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988. ISBN 9724406822. (Coleção Biblioteca de Filosofia Contemporânea).

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2001. 118 p. ISBN 852490741X.

NÓVOA, António. Modèles d'analyse en éducation comparée: le champ et la carte. In: CLERC, Paul; LADERRIÈRE, Pierre; NÓVOA, António; MARMOZ, Louis (Org.). *Éducation comparée*. Les sciences de l'éducation, pour l'ère nouvelle. Paris: Harmattan, p. 9-61, sep. 1998. 238 p. ISBN 2738467156. (Collection Éducatives et Sociétés).